

OS TRÊS REINOS DA NATUREZA EM ESTADO DE POESIA

Marilene Weinhardt

DEL DE
OS

Vivemos numa terra em que os editores se convenceram que não há leitores de poesia. Ora, não havendo publicação não pode haver consumo, o que determina que não haja público, logo não há por que editar, etc, etc. Azar o nosso, vivendo aqui e agora. Mas há poetas, poetas, poetas... E, sorte nossa, há bons poetas.

O difícil é conhecê-los, quando todos os seus livros estão esgotados. É o caso do mato-grossense-do-sul de Campo Grande, Manoel de Barros, que publicou oito títulos, nenhum encontrável mais nas livrarias. A aventura de rastrear seu processo criativo é compensatória.

O primeiro livro, que traz o significativo título *Poemas concebidos sem pecado*, é "livro dos 20 anos. Distribuído entre meia dúzia de amigos em 1937", informa o próprio poeta. Quem pensa encontrar aí a utilização da poesia como válvula para sentimentos e frustrações pessoais, hábito tão costumeiro na juventude, se surpreende. É verdade que o tom autobiográfico se faz presente já no primeiro poema, "Cabeludinho", mas a agilidade no uso da língua mostra um poeta familiarizado com os processos modernistas, o que não significa deslumbrado com modismos. Faz lembrar Mário de Andrade. Em dois outros poemas — "Postais da cidade" e "Retratos a carvão" — pensamos em Drummond, com a recordação da cidade interiorana, suas histórias e seus tipos.

Em 1942 aparece *Face imóvel*, texto ao qual não tivemos acesso.

Poemas é editado pela Pongetti em 1956. São vinte e dois poemas, verdadeiro exercício poético, vindo bem a calhar o título indefinido. O poeta trabalha desde as quatro quadras, com versos de quatro a sete sílabas, até os versos longos que chegam nos limites da fusão com a prosa. O trato poético com a linguagem nunca falha, mas sem receita, sem esquema preestabelecido. Os temas formam verdadeiro painel, adiantando já alguns que serão aprofundados posteriormente. O amor, o sensualismo bucó-

lico, a amada, a comunhão com a terra, a chuva, a divisão entre a saudade do passado na fazenda e a sedução/espanto do presente na "cidade tentacular", a tragicidade da morte temperada com humor, o cotidiano, o pantanal, a cidade natal, as raízes, a família e os amigos, a solidão e o abandono, tudo se faz presente, merecendo um tratamento absolutamente singular, no que Manoel de Barros prima. Tudo é perpassado de sugestividade, às vezes de misticismo, sem lirismo de encomenda e dramaticidade vulgar. Constantemente a consciência metalingüística se faz presente explorando ao máximo os efeitos sonoros, o vocabulário do dia-a-dia contraposto a termos de leitor de dicionário, as construções inusitadas. Esporadicamente essa consciência aflora explícita, mas nunca se torna obsessiva, pesada.

No *Compendio para uso dos pássaros* (S. José, 1961) o telurismo se radicaliza. E com ele a consciência de que a linguagem poética não é reflexo mas criação de um universo. O rio, as árvores, os pássaros, os peixes, o barro, os frutos e os moluscos chegam ao leitor pelo tato, pelo olfato, pela visão, pelo sabor e pela audição. O verso flui com extrema musicalidade e leveza. É a expressão do conhecimento da natureza vindo da experiência, da comunhão.

Gramática expositiva do chão (Tordos), agraciado com o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal em 1969 por obra inédita de poesia, merece o título forte que traz. O texto é surpreendente, revelando um poeta de maduro ofício. A palavra torna-se coisa, ou são as coisas (a vida) que se transfiguram em palavras. Instaura-se uma nova lógica, que nada tem a ver com o convencional. A aparente alienação do escritor é um profundo adentrar-se nas camadas mais densas do universo poético. A condição humana é a mesma da pedra, da ostra, da árvore, do caracol, e o homem (poeta) iguala-se ao mineral, ao vegetal, ao animal, identificando-se a São Francisco.

Matéria de poesia (São José, 1974) é uma retomada às avessas da "Procura da poesia" de Drummond. O trabalho intenso com o signo verbal fica camuflado sob aparente primitivismo marcado pelo humor. O cotidiano, visto de ângulo inesperado, transforma-se em poesia.

Arranjos para assobio (Civilização Brasileira, 1982) recebeu trato editorial mais caprichado, com capa de Millôr e apresentação de Antônio Houaiss. O poeta professa a inutilidade da poesia, numa linguagem que se poderia denominar inaugural. Eventualmente registram-se antigos palavões, já incorporados ao cotidiano, mesclados a achados poéticos como "globoso de agosto", "luaçal", etc. No poema com o expressivo título "Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos" o poeta já opera o trabalho crítico do levantamento de suas recorrências vocabulares e as define no sentido de evidenciar a extrema maleabilidade das palavras. O índio Aninceto dos "Exercícios cadoveos" guarda parentesco com Macunaima.

O *Livro de pré-coisas* (Philobiblion, 1985), que traz o subtítulo "Roteiro para uma excursão poética no Pantanal" não é livro de versos, mas uma espécie de crônica que incorpora a linguagem, a vivência e a visão de mundo do habitante da região, ao mesmo tempo que faz referências a Cortázar e Heráclito. Os períodos são curtos, ágeis, perpassados de humor. O texto traz o sabor roseano. O poeta retornou à origem e, percorrido o percurso erudito, voltou a ser o caboclo que cria o universo na medida que o narra.

Agora Manoel de Barros está anunciando novo livro. Aguardemos, fazendo votos que esse chegue até o sul.

Marilene Weinhardt é professora de Teoria da Literatura e de Literatura Brasileira na UFPR. Mestre pela USP com a dissertação *O Suplemento Literário do Estado de São Paulo — 1960-67* (qualificação para a habilitação de crítica literária no Brasil) publicada pelo INL em 1987.

OS TRÊS REINOS DA NATUREZA EM ESTADO DE POESIA

MANOEL DE BARROS

Marilene Weinhardt

Vivemos numa terra em que os editores se convenceram que não há leitores de poesia. Ora, não havendo publicação não pode haver consumo, o que determina que não haja público, logo não há por que editar, etc., etc. Azar o nosso, vivendo aqui e agora. Mas há poetas, poetas, poetas... E, sorte nossa, há bons poetas.

O difícil é conhecê-los, quando todos os seus livros estão esgotados. É o caso do mato-grossense-do-sul de Campo Grande, Manoel de Barros, que publicou oito títulos, nenhum encontrável mais nas livrarias. A aventura de rastrear seu processo criativo é compensatória.

O primeiro livro, que traz o significativo título *Poemas concebidos sem pecado*, é "livro dos 20 anos. Distribuído entre meia dúzia de amigos em 1937", informa o próprio poeta. Quem pensa encontrar aí a utilização da poesia como válvula para sentimentos e frustrações pessoais, hábito tão costumeiro na juventude, se surpreende. É verdade que o tom autobiográfico se faz presente já no primeiro poema, "Cabeludinho", mas a agilidade no uso da língua mostra um poeta familiarizado com os processos modernistas, o que não significa deslumbrado com modismos. Faz lembrar Mário de Andrade. Em dois outros poemas — "Postais da cidade" e "Retratos a carvão" — pensamos em Drummond, com a recordação da cidade interiorana, suas histórias e seus tipos.

Em 1942 aparece *Face imóvel*, texto ao qual não tivemos acesso.

Poesias é editado pela Pongetti em 1956. São vinte e dois poemas, verdadeiro exercício poético, vindo bem a calhar o título indefinido. O poeta trabalha desde as quatro quadras, com versos de quatro a sete sílabas, até os versos longos que chegam nos limites da fusão com a prosa. O trato poético com a linguagem nunca falseia, mas sem receita, sem esquema preestabelecido. Os temas formam verdadeiro painel, adiantando já alguns que serão aprofundados posteriormente. O amor, o sensualismo bucó-

lico, a amada, a comunhão com a terra, a chuva, a divisão entre a saudade do passado na fazenda e a sedução/espanto do presente na "cidade tentacular", a tragicidade da morte temperada com humor, o cotidiano, o pantanal, a cidade natal, as raízes, a família e os amigos, a solidão e o abandono, tudo se faz presente, merecendo um tratamento absolutamente singular, no que Manoel de Barros prima. Tudo é perpassado de sugestividade, às vezes de misticismo, sem lirismo de encomenda e dramaticidade vulgar. Constantemente a consciência metalingüística se faz presente explorando ao máximo os efeitos sonoros, o vocabulário do dia-a-dia contraposto a termos de leitor de dicionário, as construções inusitadas. Esporadicamente essa consciência aflora explícita, mas nunca se torna obsessiva, pesada.

No *Compêndio para uso dos pássaros* (S. José, 1961) o telurismo se radicaliza. E com ele a consciência de que a linguagem poética não é reflexo mas criação de um universo. O rio, as árvores, os pássaros, os peixes, o barro, os frutos e os moluscos chegam ao leitor pelo tato, pelo olfato, pela visão, pelo sabor e pela audição. O verso flui com extrema musicalidade e leveza. É a expressão do conhecimento da natureza vindo da experiência, da comunhão.

Gramática expositiva do chão (Tordos), agraciado com o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal em 1969 por obra inédita de poesia, merece o título forte que traz. O texto é surpreendente, revelando um poeta de maduro ofício. A palavra torna-se coisa, ou são as coisas (a vida) que se transfiguram em palavras. Instaura-se uma nova lógica, que nada tem a ver com o convencional. A aparente alienação do escritor é um profundo adentrar-se nas camadas mais densas do universo poético. A condição humana é a mesma da pedra, da ostra, da árvore, do caracol, e o homem (poeta) iguala-se ao mineral, ao vegetal, ao animal, identificando-se a São Francisco.

Matéria de poesia (São José, 1974) é uma retomada às avessas da "Procura da poesia" de Drummond. O trabalho intenso com o signo verbal fica camuflado sob aparente primitivismo marcado pelo humor. O cotidiano, visto de ângulo inesperado, transforma-se em poesia.

Arranjos para assobio (Civilização Brasileira, 1982) recebeu trato editorial mais caprichado, com capa de Millôr e apresentação de Antônio Houaiss. O poeta professa a inutilidade da poesia, numa linguagem que se poderia denominar inaugural. Eventualmente registram-se antigos palavreiros, já incorporados ao cotidiano, mesclados a achados poéticos como "globoso de agosto", "luaçal", etc. No poema com o expressivo título "Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos" o poeta já opera o trabalho crítico do levantamento de suas recorrências vocabulares e as define no sentido de evidenciar a extrema maleabilidade das palavras. O índio Aniceto dos "Exercícios cadoveos" guarda parentesco com Macunaíma.

O *Livro de pré-coisas* (Philobiblion, 1985), que traz o subtítulo "Roteiro para uma excursão poética no Pantanal" não é livro de versos, mas uma espécie de crônica que incorpora a linguagem, a vivência e a visão de mundo do habitante da região, ao mesmo tempo que faz referências a Cortázar e Heráclito. Os períodos são curtos, ágeis, perpassados de humor. O texto traz o sabor roseano. O poeta retornou à origem e, percorrido o percurso erudito, voltou a ser o caboclo que cria o universo na medida que o narra.

Agora Manoel de Barros está anunciando novo livro. Aguardemos, fazendo votos que esse chegue até o sul.

Marilene Weinhardt é professora de Teoria da Literatura e de Literatura Brasileira na UFPR. Mestre pela USP com a dissertação *O Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo — 1956-67* (subsídios para a história da crítica literária no Brasil), publicada pelo INL em 1987.

Vivemos numa terra em que os editores se convenceram que não há leitores de poesia. Ora, não havendo publicação não pode haver consumo, o que determina que não haja público, logo não há por que editar, etc, etc. Azar o nosso, vivendo aqui e agora. Mas há poetas, poetas, poetas... E, sorte nossa, há bons poetas.

O difícil é conhecê-los, quando todos os seus livros estão esgotados. É o caso do mato-grossense-do-sul de Campo Grande, Manoel de Barros, que publicou oito títulos, nenhum encontrável mais nas livrarias. A aventura de rastrear seu processo criativo é compensatória.

O primeiro livro, que traz o significativo título *Poemas concebidos sem pecado*, é "livro dos 20 anos. Distribuído entre meia dúzia de amigos em 1937", informa o próprio poeta. Quem pensa encontrar aí a utilização da poesia como válvula para sentimentos e frustrações pessoais, hábito tão costumeiro na juventude, se surpreende. É verdade que o tom autobiográfico se faz presente já no primeiro poema, "Cabeludinho", mas a agilidade no uso da língua mostra um poeta familiarizado com os processos modernistas, o que não significa deslumbrado com modismos. Faz lembrar Mário de Andrade. Em dois outros poemas — "Postais da cidade" e "Retratos a carvão" — pensamos em Drummond, com a recordação da cidade interiorana, suas histórias e seus tipos.

Em 1942 aparece *Face imóvel*, texto ao qual não tivemos acesso.

Poesias é editado pela Pongetti em 1956. São vinte e dois poemas, verdadeiro exercício poético, vindo bem a calhar o título indefinido. O poeta trabalha desde as quatro quadras, com versos de quatro a sete sílabas, até os versos longos que chegam nos limites da fusão com a prosa. O trato poético com a linguagem nunca falseia, mas sem receita, sem esquema preestabelecido. Os temas formam verdadeiro painel, adiantando já alguns que serão aprofundados posteriormente. O amor, o sensualismo bucó-

lico, a amada, a comunhão com a terra, a chuva, a divisão entre a saudade do passado na fazenda e a sedução/espanto do presente na "cidade tentacular", a tragicidade da morte temperada com humor, o cotidiano, o pantanal, a cidade natal, as raízes, a família e os amigos, a solidão e o abandono, tudo se faz presente, merecendo um tratamento absolutamente singular, no que Manoel de Barros prima. Tudo é perpassado de sugestividade, às vezes de misticismo, sem lirismo de encomenda e dramaticidade vulgar. Constantemente a consciência metalingüística se faz presente explorando ao máximo os efeitos sonoros, o vocabulário do dia-a-dia contraposto a termos de leitor de dicionário, as construções inusitadas. Esporadicamente essa consciência aflora explícita, mas nunca se torna obsessiva, pesada.

No *Compêndio para uso dos pássaros* (S. José, 1961) o telurismo se radicaliza. E com ele a consciência de que a linguagem poética não é reflexo mas criação de um universo. O rio, as árvores, os pássaros, os peixes, o barro, os frutos e os moluscos chegam ao leitor pelo tato, pelo olfato, pela visão, pelo sabor e pela audição. O verso flui com extrema musicalidade e leveza. É a expressão do conhecimento da natureza vindo da experiência, da comunhão.

Gramática expositiva do chão (Tordos), agraciado com o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal em 1969 por obra inédita de poesia, merece o título forte que traz. O texto é surpreendente, revelando um poeta de maduro ofício. A palavra torna-se coisa, ou são as coisas (a vida) que se transfiguram em palavras. Instaura-se uma nova lógica, que nada tem a ver com o convencional. A aparente alienação do escritor é um profundo adentrar-se nas camadas mais densas do universo poético. A condição humana é a mesma da pedra, da ostra, da árvore, do caracol, e o homem (poeta) iguala-se ao mineral, ao vegetal, ao animal, identificando-se a São Francisco.

os edi-
ção há
vendo
mo, o
úblico,
c, etc.
ra. Mas
, sorte

ndo to-
dos. É
sul de
os, que
contrá-
tura de
ompen-

o signi-
los sem
istribuí-
gos em
. Quem
a poesia
frustra-
feiro na
erdade
resente
dinho",
mostra
proces-
fica des-
lembrar
ros poe-
Retratos
mmond,
riorana,

imóvel,
so.

getti em
s, verda-
em a ca-
ta traba-
m versos
s versos
da fusão
om a lin-
receita,
Os temas
iantando
os poste-
mo bucó-

lico, a amada, a comunhão com a terra, a chuva, a divisão entre a saudade do passado na fazenda e a sedução/espanto do presente na "cidade tentacular", a tragicidade da morte temperada com humor, o cotidiano, o pantanal, a cidade natal, as raízes, a família e os amigos, a solidão e o abandono, tudo se faz presente, merecendo um tratamento absolutamente singular, no que Manoel de Barros prima. Tudo é perpassado de sugestividade, às vezes de misticismo, sem lirismo de encomenda e dramaticidade vulgar. Constantemente a consciência metalingüística se faz presente explorando ao máximo os efeitos sonoros, o vocabulário do dia-a-dia contraposto a termos de leitor de dicionário, as construções inusitadas. Esporadicamente essa consciência aflora explícita, mas nunca se torna obsessiva, pesada.

No *Compêndio para uso dos pássaros* (S. José, 1961) o telurismo se radicaliza. E com ele a consciência de que a linguagem poética não é reflexo mas criação de um universo. O rio, as árvores, os pássaros, os peixes, o barro, os frutos e os moluscos chegam ao leitor pelo tato, pelo olfato, pela visão, pelo sabor e pela audição. O verso flui com extrema musicalidade e leveza. É a expressão do conhecimento da natureza vindo da experiência, da comunhão.

Gramática expositiva do chão (Tordos), agraciado com o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal em 1969 por obra inédita de poesia, merece o título forte que traz. O texto é surpreendente, revelando um poeta de maduro ofício. A palavra torna-se coisa, ou são as coisas (a vida) que se transfiguram em palavras. Instaura-se uma nova lógica, que nada tem a ver com o convencional. A aparente alienação do escritor é um profundo adentrar-se nas camadas mais densas do universo poético. A condição humana é a mesma da pedra, da ostra, da árvore, do caracol, e o homem (poeta) iguala-se ao mineral, ao vegetal, ao animal, identificando-se a São Francisco.

Matéria de poesia (São José, 1974) é uma retomada às avessas da "Procura da poesia" de Drummond. O trabalho intenso com o signo verbal fica camuflado sob aparente primitivismo marcado pelo humor. O cotidiano, visto de ângulo inesperado, transforma-se em poesia.

Arranjos para assobio (Civilização Brasileira, 1982) recebeu trato editorial mais caprichado, com capa de Millôr e apresentação de Antônio Houaiss. O poeta professa a inutilidade da poesia, numa linguagem que se poderia denominar inaugural. Eventualmente registram-se antigos palavrões, já incorporados ao cotidiano, mesclados a achados poéticos como "globoso de agosto", "luaçal", etc. No poema com o expressivo título "Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos" o poeta já opera o trabalho crítico do levantamento de suas recorrências vocabulares e as define no sentido de evidenciar a extrema maleabilidade das palavras. O índio Aninceto dos "Exercícios cadoveos" guarda parentesco com Macunaíma.

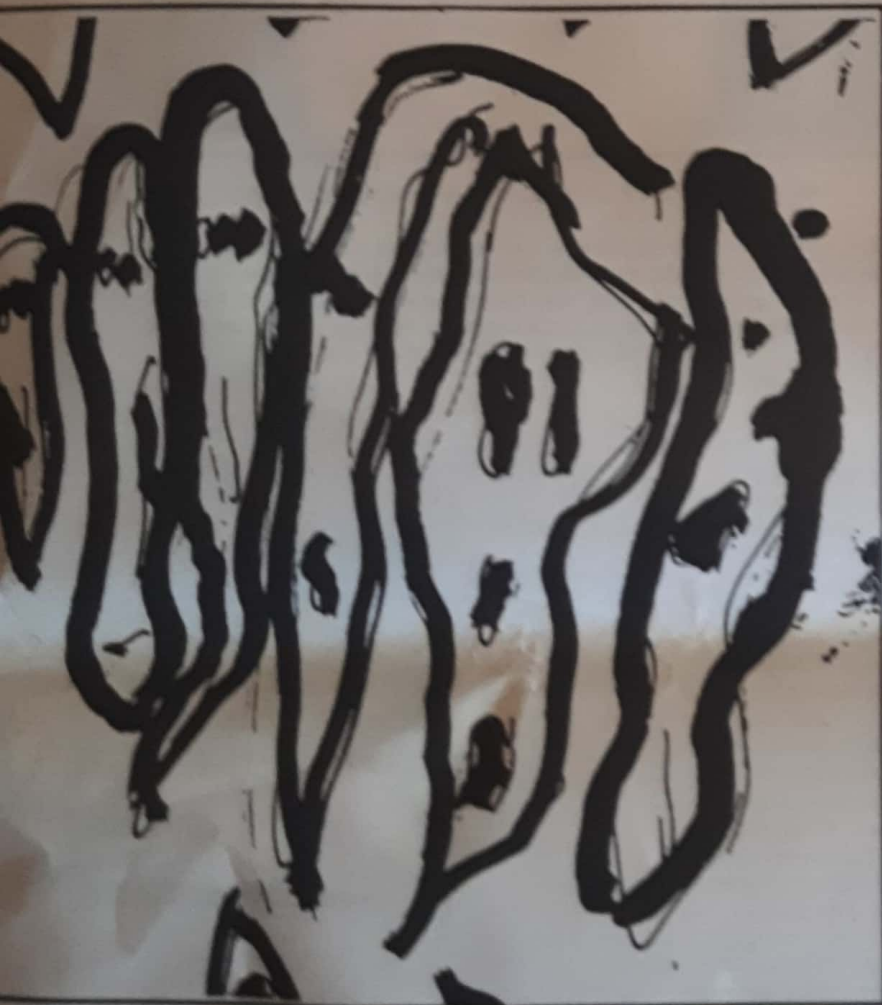
O Livro de pré-coisas (Philobiblion, 1985), que traz o subtítulo "Roteiro para uma excursão poética no Pantanal" não é livro de versos, mas uma espécie de crônica que incorpora a linguagem, a vivência e a visão de mundo do habitante da região, ao mesmo tempo que faz referências a Cortázar e Heráclito. Os períodos são curtos, ágeis, perpassados de humor. O texto traz o sabor roseano. O poeta retornou à origem e, percorrido o percurso erudito, voltou a ser o caboclo que cria o universo na medida que o narra.

Agora Manoel de Barros está anunciando novo livro. Aguardemos, fazendo votos que esse chegue até o sul.

Marilene Weinhardt é professora de Teoria da Literatura e de Literatura Brasileira na UFPR. Mestre pela USP com a dissertação *O Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo — 1956-67* (subsídios para a história da crítica literária no Brasil), publicada pelo INL em 1987.

Bestego

É um bicho abléfaro — e sem engonços.
Habita encostado nos termos que lhe referem.
Tem o corpo transparente e lambe o próprio oco
na fortuna de que esse oco ainda seja a placenta
em que morou.
Um ente que se suficiente!
Devora-se como um prato azedo de formigas.
E lambe até o algodão do nariz em que está morto.



MANOEL DE BARROS

Chuva íntima

Uma chuva é íntima:
Se o homem a vê de uma parede escurecida
de moscas;
Se aparecem besouros nas folhagens;
Se as lagartixas se fixam nos espelhos;
Se as cigarras se perdem de amor pelas árvores;
E o escuro se umedeça de nosso corpo.

O grelo

Teve a semente que atravessar panos podres,
criames de insetos, couros, gravetos, pedras,
ossarais de peixes, cacos de vidro, etc. —
antes de irromper.

Agora está aberto no meio do monturo um grelo
pálido!

Não sabemos até onde os podres o ajudaram nessa
obstinação de ver o sol.

Ó absconsos ardores!

É atro o canto com reentrâncias que sai das
escórias de um ser.

— Os nascidos de trapo têm mil encolhas.



Manoel de Barros e o livro de poemas "O grelo" (1970).
O livro de poemas "O grelo" (1970) é um dos mais importantes
do autor, abordando temas como a morte, a vida, a natureza,
a sociedade e a política. O livro é dividido em duas partes:
a primeira, "O grelo", e a segunda, "O corpo".

na fortuna do que
em que morou.
Um ente que se suficiente!
Devora-se como um prato aze
E lambe até o algodão do nariz

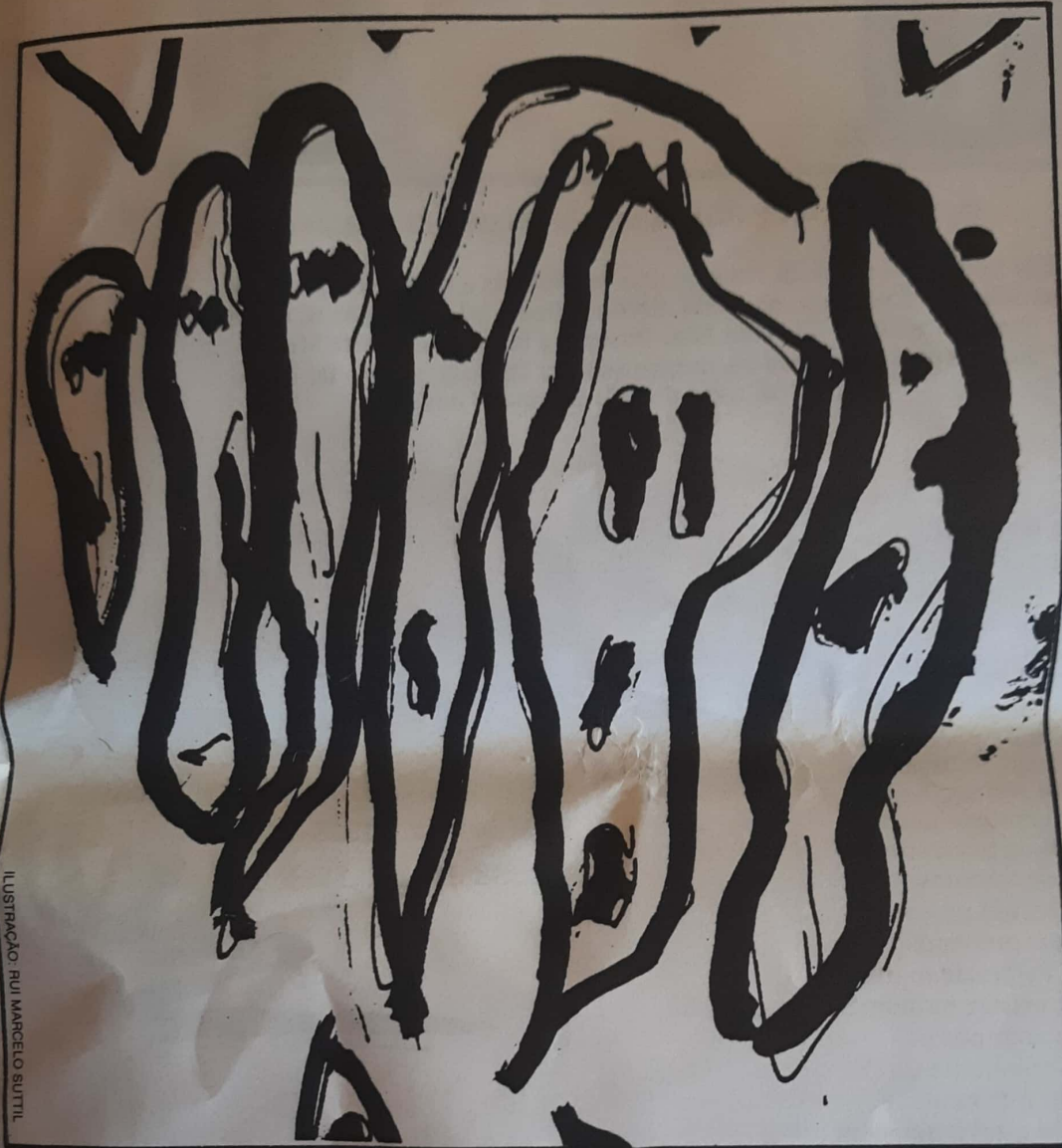


ILUSTRAÇÃO: RUI MARCELO SUTIL

O grelo

Teve a semente que atravessar panos podres,
criames de insetos, couros, gravetos, pedras,
ossarais de peixes, cacos de vidro, etc. —
antes de irromper.

Agora está aberto no meio do monturo um grelo
pálido!

Não sabemos até onde os podres o ajudaram nessa
obstinação de ver o sol.

Ó absconsos ardores!

É atro o canto com reentrâncias que sai das
escórias de um ser.

— Os nascidos de trapo têm mil encolhas.

Bestego

É um bicho abléfaro — e sem engonços.
Habita encostado nos termos que lhe referem.
Tem o corpo transparente e lambe o próprio oco
na fortuna de que esse oco ainda seja a placenta
em que morou.
Um ente que se suficiente!
Devora-se como um prato azedo de formigas.
E lambe até o algodão do nariz em que está morto.



MANOEL DE BARROS

Chuva íntima

Uma chuva é íntima:
Se o homem a vê de uma parede escurecida
de moscas;
Se aparecem besouros nas folhagens;
Se as lagartixas se fixam nos espelhos;
Se as cigarras se perdem de amor pelas árvores;
E o escuro se umedeça de nosso corpo.



ndres,
dras,

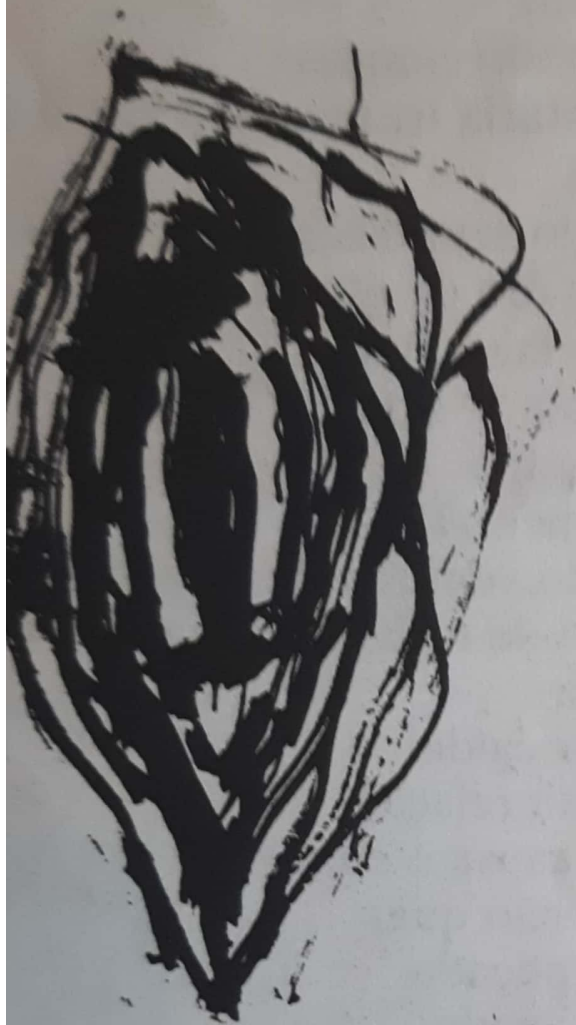
um grelo

ram nessa

i das

nas.

Manoel de Barros é autor de *Poemas concebidos sem
pensado* (1937), *Faça imóvel* (1942), *Poesias* (1950),
Compendio para uso dos passaros (1961), *Gramática
explosiva do chão* (1966), *Materia de poesia* (1975), *Arranjos
para assabio* (1982) e *Livro de pre-ocas* (1985). Os três
poemas inéditos farão parte do livro *Dicionário do ordinário*.



Manoel de Barros é autor de *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942), *Poesias* (1956), *Compêndio para uso dos pássaros* (1961), *Gramática expositiva do chão* (1966), *Matéria de poesia* (1975), *Arranjos para assobio* (1982) e *Livro de pré-coisas* (1985). Os três poemas inéditos farão parte do livro *Dicionário do ordinário*.

nicolau

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ



ANO I - Nº 10

M.C.KARAM GUINSKI MANOEL DE BARROS AUGUSTO DE CAMPOS ARNALDO ANTUNES
TEÓFILO BACHA FILHO HELMUTH ERICH WAGNER MARLY DE OLIVEIRA MARIA ANGELA BISCAIA
EDUARDO SGANZERLA ARAMIS MILLARCH ALBERTO PUPPI EDUARDO RIBEIRO JOÃO V SUPPLY
ELVO BENITO DAMO LUIS FILIPE RIBEIRO RODRIGO G LOPES PAULO MOTTA PAULO LEMINSKI
DEONÍSIO DA SILVA MAURÍCIO MENDONÇA NILSON MONTEIRO ADÉLIA LOPES GODINO CABAS
RITA BRANDT SILVIA ARAÚJO ALCINA CARDOSO HÉLIO PUGLIELLI RAUL CRUZ SUMAN GEENEN
LUIZ AUGUSTO MORAIS WALDYR PUGLIESI L STINGHEN CHICO DE ALENCAR MOACIR CALESCO
ANTÔNIO BAU ANDRÉA DESTEFANI VERA ANDRION ARNALDO ALVES HARATON MACACHEIRA
MARILENE WEINHARDT RUI SUTTIL JOSELY VIANNA JOSE H BOGUSZEWski WILSON BUENO

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

Governador
ALVARO DIAS

Secretário de Estado da Cultura
RENÉ ARIEL DOTTI

Diretora da Imprensa Oficial do Estado
GILDA POLI

Publicação mensal

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ

Nicolau



Tiragem: 107.000 exemplares
Distribuição gratuita.

Curitiba, abril de 1988
Ano I — Nº 10

Editor
WILSON BUENO

Editora-assistente
JOSELY VIANNA BAPTISTA

Revisão
ZÉLIA SERENO

Programação Visual
LUIZ ANTONIO GUINSKI
RITA DE CÁSSIA SOLIERI BRANDT
LILIAN BEATRIZ ROTHERT

Redação: Rua Ébano Pereira, 240
Curitiba — Paraná — CEP 80410
Tel.: (041) 225-7117
Telex: 416245

• Os conceitos emitidos nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não refletindo necessariamente a opinião deste jornal.

• A editoria de *Nicolau* se reserva o direito de publicar ou não matérias não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.

gravura de
la Biscaia